

Impressões empíricas de uma expedição médica-científica no rio Tapajós

Crônica inédita, escrita em julho de 1999... inacabada

Não tenho presente qual foi o momento que a idéia amadureceu, nem mesmo se ela será concretizará.

Foi tomando corpo à medida que o Leão III subia o Rio, impregnou-se da estapafúrdia beleza natural do Tapajós, martelou minha mente pontuada pelo ritmo do motor, embalou-se num balançar anárquico de uma rede matutina no quase sistemático jogo do navio, não sei se estimulado por ondas mais atrevidas de uma forte brisa num largo do Rio ou rompendo a esteira de outro barco cruzador... Explodiu no acordar apnéico e sudorético, de um ronco de maiores decibéis.

Levantando-me e olhando para uma das margens, divisei uma paisagem familiar, uma casa de palha, um pomar, um roçado coivarado e um cocal de babaçu. Foi um estalo de lembranças. Lembranças do Tocantins, de Margarida e dos idos de 1969 e 1970. Como seria bom ela aqui presente, com certeza entenderia o “apelo da terra” que aquela cena provocava no meu ser, confirmada pela ausculta de inspirar profundo e uma discreta palpitação.

Precisava documentar aquela experiência...

Não pelas regras da evidência e da precisão, mas no jorro intrigante das impressões subjetivas e do vivenciar empírico, livre e solto, como tudo aquilo que rodeava o barco, eu nele, fazendo parte daquilo tudo.

Mas como explicitar uma experiência existencial num contexto de uma expedição científica?

A opção foi por um estilo pessoal, coloquial, de um contador, estabelecendo uma ponte de suas lembranças com o observador preocupado com opções futuras. Contar compulsivamente, sem sentido do significante, mas com significativas emoções, com veraz veracidade de sensatas sensações.

Liguei o *laptop* e deixei que a memória comandasse as teclas. As primeiras palavras foram tantas e muitas. Como uma hemoptise de um rompimento aneurismático intracavitário, o discurso das recordações fecundou recorrentemente a tela digital. Qualquer semelhança com a tuberculose que ocupou meus últimos 25 anos... não será mera coincidência...

Eis o resultado, de começo entusiástico e fim imprevisível.

Lembranças lembradas de passado, de presente, e de aspirações futuras.

O que vi, vivi e vivenciei na II Expedição Científica no Rio Tapajós – julho de 1999.

Explicando...

O convite para o retorno, já havia sido feito por Bernardo no ano anterior, além da jornada em Santarém, uma semana vagueando o Tapajós e suas ribeiras.

Meu nome, lembrado por Dourado. Minhas credenciais, um filho da terra, que não é um filho da puta, mas que poderia filiar parte de uma pauta, de uma jornada de doenças tropicais.

Em Santarém, com certeza tuberculose, um pouco do tanto que sei ou um tanto do pouco que sei. No vaguear, quem sabe de Dourado, uma provocação pelo clamor da terra ou uma oportunidade de socializar o passado.

Não deu para tanto, o pouco ficou só com Santarém. Regalou-se o retorno, o passado não pode ser provocado. Não participei da I Jornada em 1998, mas somente dessa segunda, em julho de 1999. E foi uma experiência rica e saudosista...